



José Cardoso Pires

NO HARRY'S BAR

Desde há longos, longos tempos, sempre que passo por Paris, venho aqui molhar o bico à vista de Philippe, o "barman" que comanda o balcão há mais de 20 anos. Tudo sempre na mesma, já sabia. O Hemingway está acolá numa fotografia de parede, encharcado em champanhe, e Scott Fitzgerald, num recado por escrito enviado em bilhete-postal a Ford Madox Ford "ao cuidado do Harry's Bar, 5 rue Daunoud, Paris II".

Mas nesta ilha americana, povoada de fantasmas da Geração Perdida que a tornou célebre em todo o mundo, o endereço em "yankee" selvagem escreve-se doutra maneira.

No mês passado, a meio dos encontros culturais "Le Portugal et l'Europe", tornei ao Harry's e vi, de pé a um canto do bar, James Joyce a falar sozinho. De bengala, bigode ruivo, óculos redondos, era ele, não havia dúvida, e ninguém lhe dava atenção.

ra: "Sank, roe Doe No", é assim que alguém o gravou no espelho e lido em inglês corrente confere com a pronúncia francesa. Desde o "sank" (número da porta) até ao nome da rua, não há que enganar e o americano em Paris vai lá dar direitinho.

Philippe, que é "barman" de muita memória, contou-me um dia, a mim e a Norman Mailer, que o Harry's foi fundado e continuado até agora por três gerações de escoceses. Naquele balcão onde conversávamos, conheceu Henry Miller e Picasso, Gary Cooper e mrs. McCar-

thy (Mary), Truman Capote, Allen Ginsberg, eu sei lá. De Hemingway sabia apenas histórias, já que não era do tempo dele, e de Billy Bird a mesma coisa. Mais outro "whisky"?

Mailer, a quem Philippe se dirigia em especial por ser um nome em maiúsculas universais, despachava doses atrás de doses de "whiskey" e não de "whisky" (de "Wild Turkey", para ser mais preciso) e, de quando em quando, deitava-me um olhar meio cansado, meio irónico. Para ele, vim a saber mais tarde, o Harry's era um cemitério de celebridades expatriadas, frequentado por viúvas da literatura. "Tu és viúva de quem? Do Hemingway? Do Pound?", perguntou-me então, com um sorriso carregado de "whiskey".

"Do Melville", respondi eu. "Mas esse só andava nos bares dos portos e não cabia no Sena."

E ele: "Correcto. O Melville só cabia em grandes oceanos, lá nisto tens toda a razão."

Já que falávamos de defuntos à mesa do bar, contei-lhe que em Portugal havia um vinho chamado "dos mortos" e isso, com mil diabinhos, alertou-o. Vinho enterrado a sete palmos do chão, como eu dizia, tinha com certeza alma de santo, concluiu ele. E quis saber coisas: cor, perfume, sabor, os segredos que um vinho santo poderia guardar.

Tínhamo-nos conhecido na Gallimard, quando saiu a tradução do meu segundo romance, e a partir daí encontrámo-nos várias vezes no Harry's Bar, onde a American Express lhe deixava o correio. Na véspera do meu regresso a Lisboa, prolongámos a bebida e, a terminar, Mailer ergueu o copo numa saudação: "Ao vinho dos mortos e à puta da literatura que muitos deles nos deixaram por cá."

E pronto. Em tantas idas ao Harry's,

aquele foi o único escritor de verdade que lá encontrei.

O único, não. Porque no mês passado, a meio dos encontros culturais "Le Portugal et l'Europe", tornei ao Harry's e vi, de pé a um canto do bar, James Joyce a falar sozinho. De bengala, bigode ruivo, óculos redondos, era ele, não havia dúvida, e ninguém lhe dava atenção.

Falava alto, com sublinhados irlandeses pelo meio, e tanto quanto percebi fazia o elogio de Scott Fitzgerald, que fora frequentador daquele bar. Declarava-o, explicou-me Philippe do outro lado do balcão, descendente dum Fitzgerald irlandês, conde de Kildare ou coisa assim, que morrera enforcado com cinco tios por causa duma conspiração contra a Inglaterra; e mais literatura, mais excomunhão, a conversa era sempre a mesma, concluiu o "barman".

"A verdade é que é incrivelmente parecido com o Joyce que a gente vê nas fotografias", observei eu.

E Philippe: "Dizem que sim, dizem que sim." Acrescentou que o conheceu quando ainda era jornalista do "Herald Tribune" e que, depois duma crise de loucura, transtorno ou o quer que foi, o homem se inventara em James Joyce. "Agora é o que se vê. Aparece aqui a fazer discursos ou passa horas a escrever ninguém sabe o quê."

Eu, ao ouvi-lo, pensei em Mailer quando dizia que o Harry's estava povoado de viúvas da literatura e, cá para mim, acrescentei que de fantasmas também. Depois veio-me uma ideia: e se eu entrevistasse aquele fantasma do James Joyce, não seria uma nova maneira de reler o "Ulysses"?

Quem sabe?, pergunto. Quem sabe? ●